

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

CHANTAL AKERMAN, TRAVELLING

28 de Maio de 2025

TOUTE UNE NUIT / 1982

Realização, Argumento: Chantal Akerman *Fotografia* (35 mm, cor): Caroline Champetier, François Hernandez, Mathieu Schiffman *Montagem:* Luc Barnier, Veronique Auricoste *Direcção artística:* Michèle Blondeel *Som:* Ricardo Castro, Miguel Rejas, Henri Morelle, Daniel Desjays *Cenários e Guarda-Roupa:* Michèle Blondeel *Música não original:* Gustav Mahler *Misturas:* Jean-Paul Loublier *Assistência de realização:* Lyris Begeja, Ignazio Carranza, Jean-Philippe Laroche, Pierre De Heusch *Interpretação:* Frank Aendenboom, Natalia Akerman, Véronique Alain, Paul Allio, Jacques Bauduin, François Beukelaers, Michèle Blondeel, Philippe Bombled, Igancio Carranza, Aurore Clément, Christina Cohendy, Nicole Colchat, Edith De Barcy, Dirk de Batist, Laurent De Buyl, Jan Declair, Jan Decorte, Luk De Konink, Ingrid De Vos, Aliz Dugauquier, Marie-Ange Dutheil, Philippe Ekkers, Bénédicte Erken, David Errera, Pierre Forget, Herman Gilis, Catherine Graindorge, Brigid Grauman, Lucy Grauman, Michel Karchevsky, Tchéky Karyo, Nadine Keseman, Pierre Lampe, Francine Landrain, Grégoire Lapiower, Jean-Philippe Laroche, Suzanna Lastreto, Christine Leboutte, Carmela Locantore, Chris Lomme, Michel Lussan, Sylvie Milhaud, Claire Nelissen, Gisèle Oudart, Véronique Silver, Samy Szlingerbaum, Hilde Vand Mieghem, Gabrielle Claes, etc.

Produção: Avidia Films, Paradise Films (Bélgica, França, 1982) *Produtor:* Marilyn Watelet *Director de produção:* Nicole Flipo *Cópia:* DCP – restauro 2K pela Cinémathèque royale de Belgique (CINEMATEK), a Fondation Chantal Akerman e Amazing Digital Studios (Paris), *com a supervisão de* Caroline Champetier, *directora de fotografia do filme* *Duração:* 90 minutos, com legendagem eletrónica em português *Estreia mundial:* 7 de Setembro de 1972, no Festival Internacional de Cinema de Veneza *Inédito comercialmente em Portugal* *Primeira exibição na Cinemateca:* 27 de Outubro de 2003 (“O Que Quero Ver”).

TOUTE UNE NUIT circunscreve-se a um tempo e um espaço muito específicos – uma noite (de Verão) e uma cidade (Bruxelas) – elegendo-os como o tempo e o espaço privilegiados de ficção. O que é comum à sua estrutura narrativa – a noite, Bruxelas, a figura do casal – multiplica-se, desmultiplica-se numa quantidade de fragmentos – “mini-ficções” que não se cruzam, co-existem geográfica e temporalmente numa espécie de variações sobre um mesmo tema. A metáfora musical é, aliás, recorrente nas análises deste filme, “comédia sentimental tratada como coreografia”, já que se reconhece nas cerca de oitenta personagens, e cerca de metade dos pares, outros tantos andamentos como se de movimentos de dança se tratasse. É curioso, de resto, notar que o alinhamento das sequências foi encontrado durante a montagem “de forma completamente empírica, como penso que acontece quando se faz música; concebemos o filme de um modo bastante musical: ouvíamos as imagens (sem os sons) tanto quanto as olhávamos”. Acrescente-se que o trabalho de som é particularmente “coreografado”, uma banda sonora, com pouquíssimos diálogos, composta pelos ruídos da noite e da cidade (passos, rumores, vento... e três canções), fundamental na criação da atmosfera do filme, mas também das suas múltiplas narrativas.

Depois de LES RENDEZ-VOUS D’ANNA e de uma tentativa falhada de filmar uma comédia musical, “Galerie”, projecto co-escrito com Jean Gruault que viria a resultar em GOLDEN EIGHTIES (LA GALERIE), Chantal Akerman partiu da “vaga” e “velha” ideia de fazer um filme sobre Bruxelas, a família e os amigos, a “Bruxelas incestuosa”, disse ela na altura aos *Cahiers du cinéma* (nº 341, Novembro de 1982, entrevista a Alain Philippon), referindo também a grande vontade de filmar, e de filmar de uma forma mais livre do que, por exemplo, o anterior LES RENDEZ-VOUS D’ANNA cuja natureza da produção a teria conduzido a uma rotação

mais constrangida (ainda que o resultado não se ressinta propriamente do facto, acrescentaríamos). LES RENDEZ-VOUS D'ANNA inscreve-se no que Akerman designa por uma “uma produção média”, o tipo de produções que se devem evitar segundo defendia na altura, argumentando como equiparável a força dos filmes de pequeno orçamento e a dos filmes de grande orçamento, o que não deixa de ser uma posição digna de menção e que mantém uma curiosa pertinência.

TOUTE UNE NUIT correspondeu ao desejo de fazer um filme “efervescente” e portanto menos austero, o que encontra a sua face visível na quantidade de planos, de duração mais variável e de um modo geral mais curtos do que nos Akerman anteriores, em enquadramentos um pouco mais “ligeiros” – “[em TOUTE UNE NUIT] queria enquadrar esquecendo o quadro... queria que os enquadramentos fossem mais frágeis, que as pulsões que os atravessam fossem mais fortes do que eles” –, menos conscientemente ligado a um trabalho sobre o quotidiano e a relação espaço-tempo que está, por exemplo, no cerne de JEANNE DIELMAN, outro filme rodado em Bruxelas (23, QUAI DO COMMERCE, 1080 BRUXELLES). Reflectindo sobre estes dados, Akerman confessou ter-se debatido com a tendência de filmar mais contidamente e chegou a falar da existência de um “lado bruto, quase bárbaro” em TOUTE UNE NUIT. Nem “bruto”, nem “quase bárbaro”, mas de algum modo impressionista.

Longe, muito longe mesmo, de se apresentar como um exercício de estilo em que uma montagem habilidosa enaltecesse a justeza dos *raccords* que aproximam as muitas pequenas histórias de que o filme é composto, TOUTE UNE NUIT, estruturado sobre a *ideia da repetição* (eixo da obra de Akerman), compõe o que se poderia designar como um retrato de Bruxelas, habitada à noite (por uma noite, melhor dizendo) por uma quantidade de personagens que se encontram, reencontram ou desencontram em momentos captados sem recurso a qualquer espécie de justificação. O que interessa aqui, e o que aqui é conseguido, é a captação de uma atmosfera, a captação desses momentos em que as palavras quase não são precisas (daí que os diálogos sejam tão esparsos). Numa interessante análise sobre a relação da realizadora com Bruxelas, sua cidade de origem (“All Night Long: the ambivalent text of ‘Belgianicity’”, publicado em *Identity and Memory – The Films of Chantal Akerman*), Catherine Fowler disserta sobre o que liga este filme de Chantal Akerman às canções de Jacques Brel, à pintura de René Magritte e de Paul Delvaux, neles encontrando uma qualidade especificamente belga. O que é mais curioso é que, sendo isto verdade, é igualmente verdadeira a universalidade convocada por TOUTE UNE NUIT. Diga-se, já agora, que nunca uma noite em Bruxelas pareceu tão atraente como durante o tempo que dura a noite de TOUTE UNE NUIT.

Maria João Madeira